

Leite e derivados aumentam o risco de câncer

José de Felipe Junior

Câncer não são células malignas e sim células doentes necessitando cuidados, não extermínio JFJ

O leite de vaca ativa a via de sinalização mTORC1, reguladora crucial da síntese de proteínas, lipídeos e nucleotídeos e que orquestra o anabolismo, crescimento e proliferação celular (Bond-2016), além de possuir estrógenos e IGF-1, proliferativos

Em todos os mamíferos do Planeta Terra, exceto nós humanos, a ativação do mTORC1 pela ingestão de leite é **restrita ao período de lactação pós-natal**. Em outras palavras, somente os humanos continuam a tomar leite durante toda vida. A hiperativação persistente do mTORC1 está associada com o envelhecimento e o desenvolvimento das doenças relacionadas ao envelhecimento como, obesidade, diabetes mellitus tipo 2, doenças neurodegenerativas e câncer. A persistente ativação desta via proliferativa de sinalização provoca estresse do retículo endoplasmático e mantém ativo um programa contínuo de envelhecimento, diabetes, câncer e neurodegenerações (Melnik - 2015-2012).

Melnik e Schmitz em 2015 mostram que o consumo de leite de vaca durante a gestação aumenta o peso do feto ao nascer e é fator de risco de doenças da civilização incluindo o câncer. O leite de vaca pasteurizado transfere microRNAs exossomais biologicamente ativos na circulação sistêmica dos consumidores afetando mais de 11000 genes humanos, incluindo a importante via mTORC1.

O hormônio do crescimento (GH) é produzido na hipófise e transformado em IGF-1 (Insulina like-Growth Factor-1) no fígado onde se espalha na circulação e provoca proliferação de todas as células e tecidos da nossa economia. É o que o IGF-1 sabe fazer, tendo sido conservado na Evolução para construir tecidos, e o faz de um modo democrático. Se existirem no corpo células em proliferação, este hormônio aumenta a velocidade mitótica, e assim ele é considerado carcinocinético e não carcinogênico.

O bezerro cresce muito no primeiro mês de vida por causa da elevada concentração de IGF-1 do leite de sua mãe. Ao beber um copo de leite por dia conseguimos aumentar o IGF-1 no sangue periférico em média 8,23 ng/ml (Colangelo-2005). Desta forma, pacientes com neoplasia têm aumentada a velocidade de divisão mitótica neoplásica. Concluímos que todos os pacientes que apresentam neoplasia, seja qual for o tipo, devem se abster de ingerir leite e derivados.

Leite de vaca e de cabra possuem o mesmo valor nutricional, igual poder alergênico e de proliferação e são inconsistentes os efeitos benéficos descritos para o leite de cabra (Turck-2013).

Dez estudos cohort, 13 de case-control e 2 estudos ecológicos estudaram o leite e derivados e 16 estudos cohort, 11 case-control e 11 estudos ecológicos estudaram somente o leite. A maioria dos estudos mostrou aumento do risco dos mais diversos tipos de câncer com a ingestão de leite e seus derivados. Evidenciou-se claramente a significância da dose-resposta: maior a dose maior o risco e maior a dose maior a proliferação mitótica. Estamos falando do aumento da velocidade de progressão mitótica, isto é, de carcinocinética e não de carcinogênese.

Os estudos ecológicos mostraram uma clara relação de dose resposta entre a ingestão de leite e ou derivados com o câncer de próstata. Leite e derivados são marcadores da ingestão de cálcio.

Nestes estudos não se conseguiu mostrar que o leite e seus derivados são a causa do câncer de próstata, fato a dizer que os estudos foram sérios e bem conduzidos. Quer dizer, o leite e seus derivados não são carcinogênicos e sim carcinocinéticos.

Vamos comentar sobre a deficiência de vitamina D aliada a ingestão de leite. A diminuição da vitamina 25(OH)D3 no sangue provoca diminuição do hormônio 1,25(OH)2D3 o qual provoca aumento da secreção de PTH com o conseqüente aumento da absorção intestinal do cálcio proveniente do leite e derivados. Neste caso vemos em ação dois fatores para aumentar o risco de câncer: excesso de cálcio e deficiência do hormônio D3. O hormônio D3 cuida de quase 2200 genes, entre eles genes supressores de tumor. Entretanto, o consumo de leite também aumenta a concentração sérica de IGF-1, ao lado de ativar a via mTORC1, fatores que aumentam a proliferação mitótica. Resumindo, neste caso temos 5 fatores contribuindo para o efeito carcinocinético do leite: deficiência do hormônio D3, aumento do cálcio, aumento do IGF-1, aumento do estradiol e ativação do mTORC1.

O paciente com tumor deve se abster de usar alimentos carcinocinéticos para diminuir a velocidade de progressão, e assim evitar efeito de massa, invasão e metástases, enquanto procuramos avidamente os fatores causais, a verdadeira razão do paciente estar com câncer.

Referências no site www.medicinabiomoleculr.com.br